

COLEÇÃO EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM DEBATE, Nº 3

ORGANIZADORAS:

Ivanda Maria Martins Silva
Suzana Ferreira Paulino Domingos

CENAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:

Aprendizagens, Metodologias e Inovações

1ª Edição

Recife, 2020



CORPO EDITORIAL – Coleção Educação a Distância em Debate, Nº 3

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa (UnB)
Prof. Dr. Eduardo Barbuio (UFRPE)
Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna (UFRPE)
Prof. Dra. Hérica Karina Cavalcanti de Lima (UFRPE)
Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes (UFRPE)
Prof. Dr. José de Lima Albuquerque (UFRPE)
Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior (UFRPE)
Profa. Dra. Júlia Maria Larré (UFRPE)
Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (UFRPE)
Profa. Dra. Orquídea Guimarães (UFPE)
Profa. Dra. Paloma Barbosa (UFRPE)
Profa. Dra. Simone Reis (UFPE)
Profa. Dra. Sulanita Bandeira da Cruz Santos (UFPE)
Profa. Dra. Thelma Panerai Alves (UFPE)
Profa. Dra. Terezinha Ferraz Nunes (UFPE)
Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa (UFPB)

REVISÃO

Ivanda Maria Martins Silva
Suzana Ferreira Paulino Domingos



COORDENAÇÃO:

Felipe Brito de Lima (UAEADTec)

PROJETO EDITORIAL:

Flávio Guimarães (UAEADTec)

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Carlos Alberto Ferreira (UAEADTec)

Fábio Antônio Menezes (UAEADTec)

Jader Matias de Oliveira (UAEADTec)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C395 Cenas da Educação a Distância: aprendizagens, metodologias e inovações / organizadoras Ivanda Maria Martins Silva, Suzana Ferreira Paulino Domingos. – 1. ed. -- Recife: EDUFRPE, 2020. 208p. – (Coleção Educação a Distância em debate; 3)

Inclui referências

ISBN: 978-65-86547-04-7

1. Ensino superior 2. Ensino a distância 3. Aprendizagem 4. Inovações educacionais 5. Ensino – Metodologia I. Silva, Ivanda Maria Martins, org. II. Domingos, Suzana Ferreira Paulino, org. III. Série

CDD 371.394422

Os conteúdos abordados nos capítulos deste livro são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Todos os direitos reservados pela Editora da UFRPE. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, sem a prévia autorização da Editora.

DOCÊNCIA COLABORATIVA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS PARA UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DIALÓGICA

Luciane Ines Ely
Alexsandro dos Santos Machado
Rafael Arenhaldt
Jaime José Zitkoski
Jorge da Silva Correia Neto

Neste capítulo, apresentamos algumas das reflexões epistemológicas e metodológicas que têm sido produzidas sistematicamente, em um esforço multidisciplinar e interinstitucional, a partir da experiência de implantação do projeto de formação continuada de docentes universitários, intitulado *Docência Colaborativa: Observação, Reflexão e Partilha Pedagógica*. A proposta se dá a partir de comunidades de prática (WENGER, 1998; 2002) de professores do ensino superior, de diferentes áreas de formação, onde uns observam as aulas dos outros e dão *feedback*, visando à reflexão sobre a arquitetura da sua prática pedagógica no ensino superior.

Esse projeto está a ocorrer de forma colaborativa em duas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), nomeadamente: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), já se apresentando, desde seu início, como uma potente e inovadora tecnologia educacional por se constituir enquanto um dispositivo de trabalho coletivo amparado na dialogicidade e na colaboração para promoção da reflexão sobre a ação docente.

Muitos autores e perspectivas teóricas têm contribuído para a fundamentação epistemológica e pedagógica do *Docência Colaborativa*. Neste capítulo, todavia, centramos nossas reflexões sobre a educação dialógica em Paulo Freire no projeto *Docência Colaborativa* a partir da seguinte questão central: *como as ações de aperfeiçoamento desenvolvidas para a formação continuada dos professores da UFRGS e da UFRPE, por meio do projeto Docência Colaborativa, podem se aproximar da perspectiva da educação dialógica de Paulo Freire?*

Antes de tentarmos refletir sobre esta questão, iremos contextualizar as ambiências institucionais nas quais o projeto *Docência Colaborativa* encontra sustentáculo nas IFES participantes.

DOS CENÁRIOS INSTITUCIONAIS

Na história do ensino superior, a dimensão pedagógica não tem se configurado enquanto dimensão prioritária, em detrimento da produção e disseminação do conhecimento através da pesquisa (MOURAZ; TORRES; COELHO, 2017). Os docentes universitários, por questões de progressão na carreira, têm sido demandados a dedicar mais tempo a investigar sobre seu campo de conhecimento do que refletir sobre o processo de ensino e sobre a prática pedagógica na Universidade.

Assim sendo, não havendo aprofundamento da formação didática durante a formação na pós-graduação, muitos docentes do ensino superior sentem dificuldades em desenvolver suas aulas, recorrendo a modelos pedagógicos espelhados nas práticas de seus professores. Em outras palavras, há uma tendência em perpetuar ou contrariar concepções e modelos de ensino em que os docentes tiveram contato ao longo da sua trajetória.

Além disso, no contexto do ensino superior, em que políticas afirmativas trazem novos sujeitos acadêmicos na Universidade, envolvendo novas formas de permanência, de interculturalidade, numa perspectiva da ecologia de saberes (SANTOS, 2010b), é importante desenvolver programas de formação continuada dos professores universitários que contemplem estes complexos contextos.

Assim, torna-se imprescindível que as instituições de ensino superior organizem tempos e espaços para a formação e o aperfeiçoamento pedagógico de seus docentes. Dentre tais iniciativas, podemos citar o Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico (PAAP) da UFRGS e o Núcleo de Assistência e Promoção à Saúde (NAPS) da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UAEADTec) da UFRPE.

No âmbito da UFRGS, o projeto *Docência Colaborativa* iniciou em 2019 conectado ao PAAP que funciona desde 1994, quando o Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa (COCEP) instituiu o programa por meio da Resolução nº 01/94 (UFRGS, 1994), posteriormente atualizada pela Portaria nº 799, de 05 de fevereiro de 2014. O PAAP é obrigatório para os professores em estágio probatório, sendo atualmente também eletivo aos docentes estáveis. Visa desenvolver conhecimentos sobre a Universidade e carreira docente, aspectos pedagógicos, bem como ferramentas digitais, por meio da realização de ações de aperfeiçoamento oferecidas pela Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS (EDUFRGS).

No âmbito da UFRPE, a iniciativa partiu da Coordenação do NAPS da UAEADTec, instituído pela Portaria nº 1.594/2019-GR, de 10 de dezembro de 2019. O NAPS/UFRPE, de forma processual e dialógica, tem criado e gerido políticas de cuidado e promoção da saúde que incidam em uma cultura institucional adequada para ambiências saudáveis de produção acadêmica e aprendizagens, a fim de diminuir a evasão e adoecimentos de servidores e estudantes, especialmente no âmbito da saúde mental.

Sendo assim, após conhecer os interessantes resultados da 1ª Edição do *Docência Colaborativa* na UFRGS, ocorrida em 2019, a coordenação do NAPS/UFRPE procurou a coordenação do referido projeto na UFRGS a fim de iniciar uma parceria para a implementação do projeto também na UFRPE. Tal proposta foi acolhida e se iniciou a construção conjunta, colaborativa e interinstitucional sobre as dimensões epistemológicas e metodológicas do projeto *Docência Colaborativa*, o qual, em 2020, está sendo realizado na UFRGS e na UFRPE.

DAS DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DO PROJETO DOCÊNCIA COLABORATIVA: FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DIALÓGICA

O projeto *Docência Colaborativa* é uma proposta de observação de aulas em parceria, em que os observadores/observados são, igualmente, colegas docentes universitários. O foco da observação centra-se na prática docente, criando oportunidades para refletir sobre a dimensão pedagógica na educação superior, de forma colaborativa. O modelo de observação entre pares tem como base um quarteto de docentes, oriundos, preferencialmente, de diferentes Unidades ou áreas de formação, onde todos observam e são observados.

O *Docência Colaborativa* é inspirado nos Projetos *De Par em Par*, da Universidade de Porto/Portugal e *Observar e Aprender*, da Universidade de Lisboa/Portugal, sendo adaptado aos contextos institucionais da UFRGS e da UFRPE. A adaptação envolve movimentos no sentido de ressignificar as bases epistemológicas, metodológicas e pedagógicas da proposta, considerando os a(u)tores acadêmicos de nossas instituições. Nesse sentido, nosso objetivo principal tem sido oportunizar a qualificação da dimensão pedagógica do trabalho docente da UFRGS e da UFRPE por meio de práticas reflexivas e colaborativas.

O projeto está dividido em três etapas: 1) Orientações sobre o projeto; 2) Observação de aulas e 3) Sessão de apresentação de resultados. Na segunda etapa, cada docente é observado pelo menos uma vez pelos demais integrantes do *quarteto de formação* e disponibiliza-se para observar as aulas dos demais membros do quarteto.

Os parâmetros didáticos da observação são comuns e sistematizados em formulários acordados previamente entre os participantes. Tais apontamentos são compartilhados entre os membros do quarteto em momento apropriado, com compromisso de sigilo e confidencialidade garantido entre as partes.

O propósito é vivenciar modelos pedagógicos e processos de ensino e aprendizagem diversificados pela partilha pedagógica e pelas reflexões e respostas dos observadores à aula observada. Trata-se de uma atividade de formação multidisciplinar e multiprofissional, de promoção da reflexão e partilha pedagógica, e baseada na ideia de colega parceiro-crítico.

Portanto, busca-se favorecer a reflexão docente sobre suas práticas (ação/reflexão/ação) a partir de uma *Educação continuada, generosa e dialógica*. Para Freire, a proposta de uma educação humanista “tem no diálogo/dialogicidade uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação a nosso futuro” (ZITKOSKI, 2018, p. 139). Para que o diálogo ocorra, é essencial a presença do amor, da humildade, da fé nos homens, da esperança e do pensamento crítico. Dessa forma, é fundamental uma atitude e uma postura dialógica dos educadores que assumem seu papel de mobilizar a formação das novas gerações.

Segundo Freire (1994), a rigor toda *Pedagogia* é uma antropologia, pois tem o potencial de desenvolver o ser humano em suas múltiplas inteligências. A partir da educação é que podemos nos tornar mais gente, pessoas mais humanizadas, cidadãs, participativas e criativas na construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

Ademais, o ser humano é um ser de escolhas, de decisão e, por isso mesmo, se tornou uma presença no mundo que tem um modo especial de ser. Nessa perspectiva, os desafios da formação humana por toda a vida estão diretamente relacionados ao fato de que, enquanto presença no mundo, o ser humano não só está no mundo, mas intervém nele, transforma-o, toma decisões, rompe com o já feito, avalia, constata e também sonha com um mundo diferente.

A partir do fato de que a natureza humana não está pronta (por que não é *a priori* da história), nós, seres humanos, estamos em constante busca para realizar nossa *vocação ontológica* e nos tornarmos mais gente, que implica, da mesma forma, gentificar (humanizar) o mundo (FREIRE, 1994, 1997). No entanto, essa busca de humanização de nós mesmos e do mundo, uma marca da natureza humana, segundo Freire, não significa que a humanização seja de fato algo absolutamente certo e automaticamente realizável na história.

A negação do *ser mais* enquanto vocação ontológica do ser humano também é possível, tanto que é um fato concreto na história. Esse fato demonstra que, enquanto seres da busca, nos encontramos sempre imperfeitos, inconclusos e condicionados por *situações limites* que atrofiam nosso próprio ser. Ou seja, em um mundo que desumaniza e atrofia a realização do *ser mais* (FREIRE, 1994) não é somente o mundo que se torna desumano, mas as pessoas concretamente são atrofiadas e desumanizadas, negando, assim, sua própria natureza.

Portanto, considerando os desafios da formação ao longo da vida e da essencial abertura do ser humano também em processos de formação continuada de professores do Ensino Superior, destacamos que o processo de implementação do projeto *Docência Colaborativa* se fundamenta em uma epistemologia balizada em postulados que evidenciam um sujeito docente cognoscente indagativo, dialógico, colaborativo, sensível e generoso, tendo como seu método a observação, e dentre seus objetivos o aprimoramento humano e profissional como exercício acadêmico e científico, em uma comunidade de prática transformadora e humanizadora na ambiência universitária.

Para tanto, metodologicamente, o projeto *Docência Colaborativa* centra-se no processo da observação e de sua partilha entre pares das práticas pedagógicas dos docentes em comunidades acolhedoras, criando oportunidades para refletir sobre a docência da educação superior, de forma colaborativa. Para Freire (1996), no processo de formação permanente dos professores, a reflexão crítica sobre a prática é essencial, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

Logo, o *Docência Colaborativa* pressupõe metodologias que favoreçam o exercício da reflexão docente a respeito de concepções pedagógicas por meio do diálogo. Ou seja, exigem-se metodologias que envolvem outras lógicas de formação: colaborativa, interdisciplinar, interprofissional, integradora, amparadas na perspectiva da dialogicidade, da ecologia de saberes e não restritas à racionalidade técnica.

O projeto rompe com a tradição solitária de exercer a docência no ensino superior e promove práticas colaborativas capazes de ampliar os olhares e as concepções pedagógicas (MOURAZ; PÊGO, 2017). É uma atividade que exige do professor a consciência da incompletude, humildade e abertura ao diálogo, ao olhar do outro, enfim, à colaboração (CO-LABOR-AÇÃO, o trabalho conjunto). A colaboração, além da união, da organização e da síntese cultural, é uma das características para a concretização da educação libertadora (FREIRE, 1987).

Tais práticas metodológicas propõem vivências dialógicas que descortinam seguranças e inseguranças com seus pares de trabalho. Para Freire, a segurança se alicerça na convicção de que sei algo e ignoro algo, somado à certeza da possibili-

dade de saber melhor o que já se sabe e conhecer o que ainda não sabe, no saber confirmado da própria experiência. É essa consciência da incompletude que abre caminhos para conhecer mais a abertura respeitosa aos outros, à curiosidade, ao diálogo com o outro (FREIRE, 1996).

Parafraseando Freire, na ação pedagógica do professor universitário não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há professores que, em comunhão, buscam saber mais. No processo do *Docência Colaborativa*, há uma soma de vários saberes de experiência que são compartilhados, reformulados e recriados, possibilitando a ampliação da consciência crítica sobre a sua atuação no ensino.

Nesse processo, portanto, a abertura ao diálogo é um fator essencial. O diálogo, para Freire, é uma relação de horizontalidade e, somente a partir dele, ocorre comunicação, sendo indispensável para a conscientização libertadora e transformadora. Para tal, temos como necessidade a construção de uma ambiência colaborativa e generosa no processo de ensino-aprendizagem entre os participantes do projeto, e a interação dialógica como alternativa para construir a participação ativa de todos os sujeitos no compartilhamento e na produção de significados e conhecimentos (FREIRE, 1987, p.197).

O *Docência Colaborativa*, no ato dialógico dos grupos de trabalho após as observações das aulas, possibilita a problematização da experiência a partir do contato com diferentes enfoques e perspectivas de ensino, fomentando a reflexão da ação. É uma oportunidade de partilhar experiências e debater questões pedagógicas com outros colegas, um processo de formação e a possibilidade de reconfiguração do fazer docente no ensino superior.

A perspectiva interdisciplinar que emerge dialogicamente da partilha pedagógica entre pares é uma das grandes potencialidades do *Docência Colaborativa*, visto que permite ampliar as possibilidades à criticidade, pois é na opinião crítica do outro que é possível se reafirmar, mesmo enfrentando conflitos em razão da diversidade das metodologias e olhares interepistêmicos, as relações interdisciplinares convidam ao diálogo.

Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), também nos ajuda a compreender e fazer uso da interdisciplinaridade. O autor desenvolve a interdisciplinaridade como um processo metodológico de construção do conhecimento que supera a lógica da pedagogia bancária, onde o educador tem o poder de impor os conteúdos aos seus educandos, numa transmissão passiva do conhecimento. Freire sugere a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, de sua dialogicidade, relacionando os conteúdos da aprendizagem com a vida do educando, no diálogo entre o saber científico com os saberes dos sujeitos, ou seja, um conteúdo contextualizado.

Esta coletividade interdisciplinar é um potente cenário para estimular transformações, cooperações e mobilizar inovações pedagógicas no fazer do professor universitário. A inovação pedagógica é entendida aqui como um movimento de ruptura e/ou transição de paradigmas, com reconfiguração de saberes e poderes (SANTOS, 2010a). É um conceito polissêmico, e carrega a ideia de melhoria, de realizar algo novo (CORTELA, 2016). Parafraseando Raul Seixas, em sua música “Que luz é essa?”, inovar é ventilar os modos de construir o saber. É mudar, alternar, ampliar os pontos de vista. A inovação pedagógica que emerge da dialogicidade e da cooperação generosa “altera certezas, produz dúvidas e inquietações, ajuda a pensar diferente do modo hegemônico, desestabilizando o pensar reprodutivo e instala em seu lugar a inquietação” (LEITE; GENRO; BRAGA, 2011, p. 25).

A inovação pedagógica pode, portanto, ser o resultado da colaboração, ou seja, uma “produção coletiva e solidária de todos os sujeitos que intersubjetivamente existem suas práticas, conferindo novos sentidos à história da humanidade” (ZITKOSKI; NICOLAY, 2018a, p. 90) durante a vivência no *Docência Colaborativa*.

A proposta de formação continuada dos professores da UFRGS e da UFRPE não está determinada, pronta e acabada. Ela vai sendo produzida, (re)significada, transformada de acordo com as necessidades apresentadas pelos professores, pela universidade e pelo contexto da sociedade. Da mesma forma, o *Docência Colaborativa* vai sendo (re)elaborado com os seus participantes, com novas bagagens da práxis durante seu percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um período em que as Universidades Públicas estão sob fortes ataques do governo, são grandes os desafios da Universidade do Século XXI. Nesse contexto, exercitar a *pedagogia da esperança* (FREIRE, 1992) é ainda mais importante. Uma esperança apoiada em ações, para que possam se tornar concretude histórica. A reflexão sobre a prática e colaboração entre os docentes é essencial, configurando um movimento contra-hegemônico que, além de qualificar os processos didáticos-pedagógicos, pode ser um caminho para transformar situações-limite em possibilidades de fortalecimento de *inéditos viáveis* (FREIRE, 2018, p. 231-234).

Há necessidade de (re)significar e qualificar os espaços de formação continuada na perspectiva da pedagogia universitária, enquanto cenários de reflexão sobre a prática docente e mobilizadores de inovação pedagógica no ensino. Destaca-se que a inovação pedagógica é apontada, no Plano de Desenvolvimento Institucional 2016 a 2026 da UFRGS (PDI-UFRGS, 2016), como um ponto frágil da instituição e um dos aspectos relevantes a ser aperfeiçoado para o futuro da Universidade.

No âmbito da UFRPE, ao analisarmos o seu PDI de 2013 a 2020, também percebemos que a inovação pedagógica ainda tem sido pouco valorizada, pois nele ainda se prioriza a inovação tecnológica (PDI-UFRPE, 2013).

Assim, é importante que as Universidades invistam em iniciativas que promovam espaços de reflexão sobre as questões pedagógicas no Ensino Superior de modo radicalmente oposto à educação bancária, além de pesquisas sobre o fazer pedagógico em sala de aula, dando ao exercício da docência um plano de maior destaque.

Há que se implementar medidas que transformem as práticas de ensino e promovam o desenvolvimento profissional dos professores, com ênfase na aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, a observação e a reflexão crítica das aulas entre colegas professores constituem importantes fatores do aprimoramento das práticas profissionais dos docentes e da ampliação das culturas epistêmicas do ensino superior.

Embora apresente muitas potencialidades para quem observa e para quem é observado, o *Docência Colaborativa* também apresenta desafios que anunciam a necessidade de prosseguirmos realizando estudos mais aprofundados. Sendo assim, apontamos a seguir algumas questões *suleadoras* (ADAMS, 2018) na perspectiva de qualificar e potencializar o projeto nas Universidades. São elas: que aprendizagens resultam em quem observa e em quem é observado? Como diagnosticar essas aprendizagens? Estão os docentes preparados para o trabalho colaborativo? Como sensibilizar os participantes para a abertura ao diálogo, para a escuta ao outro? Como verificar os impactos de uma produção acadêmica solidária? Quais seriam as distinções de inovações pedagógicas produzidas em arranjos produtivos em ambiências acadêmicas dialógicas e solidárias? Ambiências acadêmicas colaborativas promovem saúde (especialmente mental!) nas instituições de ensino?

Parafraseando, mais uma vez, Paulo Freire, nenhum docente universitário se torna professor “numa certa terça-feira às quatro horas da tarde... A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1995, p. 58). É neste sentido a importância da incorporação da educação dialógica no projeto de educação continuada dos professores universitários.

É nessa busca constante de ir se fazendo educador, nesse movimento permanente do ser humano de aprender durante toda sua vida, que o *Docência Colaborativa* pode ser um importante caminho. Ele promove este movimento de *re-olhar*, possibilita a reflexão sobre o seu fazer, compartilhando os saberes docentes, abrindo espaços para ampliar o olhar e enxergar além do visível, além do que os olhos ainda não sabem ver por não estarem sensibilizados para aquele saber.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. In.: STRECK, D, REDIN, E., ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário de Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 444-445, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, A. Inédito Viável. In.: STRECK, D, REDIN, E., ZITKOSKI, J.J. (org.). **Dicionário de Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.263-265, 2018.

LEITE, D.; GENRO, M. E.; BRAGA, A. M. Inovações pedagógicas e demandas ao docente na universidade. In: LEITE, D.; GENRO, M. E.; BRAGA, A. M. (Org.). **Inovação e pedagogia universitária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 19-48, 2011.

MOURAZ, A., TORRES, A., COELHO, Z. Questões epistemológicas e pedagógicas da observação de pares. In.: MOURAZ, A., PÊGO, P (Org). **De Par em Par na U. Porto**. Porto, U.Porto. Edições, 2017.

SANTOS, B. S. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. **A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2010b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **Resolução nº 01, de 06 de janeiro de 1994, que institui o Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cppd/wp-content/uploads/Resolucao0194.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

_____. **Portaria nº 799, de 05 de fevereiro de 2014, que cria o Programa de Apoio à Graduação – PAG – da UFRGS e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/prograd/prograd-1/programas/arquivos/portaria-no799-de-05-de-fevereiro-de-2014-cria-o-programa-de-apoio-a-graduacao-pag>. Acesso em: 24 jan. 2020.

_____. **Plano de desenvolvimento institucional PDI 2016-2026**: construa o futuro da UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 2016. Disponível em: http://www.ufrgs.br/pdi/PDI_2016a2026_UFRGS.pdf. Acesso em: 11 mar. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE). BOLETIM DE SERVIÇO. EDIÇÃO Nº 219. **Portaria Nº 1.594/2019-GR**, de 10 de dezembro de 2019.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFRPE 2013 - 2020**. Versão revisada e atualizada. Recife: EDUFRPE, 2018.

WENGER, E. (1998). **Communities of practice: learning, meaning and identity**. Cambridge, UK: Cambridge University, 1998.

WENGER, E.; MC DERMOTT, R. A.; SNYDER, W. **Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge**. Boston, MA, USA: Harvard Business School, 2002.

ZITKOSKI, J. J. Diálogo/dialogicidade. In.: STRECK, D, REDIN, E., ZITKOSKI, J.J. (org.). **Dicionário de Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 139-141, 2018.

ZITKOSKI, J. J; NICOLAY, L. Colaboração. In.: STRECK, D, REDIN, E., ZITKOSKI, J.J. (org.). **Dicionário de Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 89-91, 2018a.